

SEÇÃO 3 Comercialização

Esta seção contempla as atividades de comercialização de derivados de petróleo e de gás natural e subdivide-se em três temas: *Distribuição de Derivados de Petróleo*, *Revenda de Derivados de Petróleo* e *Comercialização de Gás Natural*.

O tema *Distribuição de Derivados de Petróleo* é desenvolvido em dois capítulos: *Bases de Distribuição e Vendas das Distribuidoras*. O primeiro capítulo diz respeito à infra-estrutura de distribuição de derivados de petróleo existente no país no final do ano 2000 e o segundo registra os volumes de derivados de petróleo comercializados pelas distribuidoras nos últimos dez anos.

Na seqüência de temas, a *Revenda de Derivados de Petróleo* é tratada em três capítulos: *Postos Revendedores*, *Transportadores-Revendedores-Retalhistas*, e *Preços ao Consumidor*. Os dois primeiros capítulos apresentam a infra-estrutura de revenda de derivados dos postos revendedores e dos transportadores-revendedores-retalhistas, respectivamente. O terceiro capítulo registra os preços de revenda de derivados de petróleo em municípios e regiões metropolitanas selecionados.

É importante salientar que grande parte das informações relativas à distribuição e revenda de derivados baseia-se em dados declaratórios enviados à Agência Nacional do Petróleo - ANP pelos agentes responsáveis pela distribuição e revenda de derivados de petróleo, em conformidade com as diversas portarias emitidas pela Agência. Apesar de ser grande o empenho na coleta, análise e organização destes dados, de forma conferir-lhes o grau de confiabilidade adequada aos seus usuários, a qualidade das informações aqui apresentadas está ligada diretamente à dos dados fornecidos pelos agentes.

As estatísticas de preços apresentadas sob o capítulo *Preços ao Consumidor* baseiam-se em levantamentos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, para a gasolina C, GLP e óleo diesel, e em informações coletadas pela ANP junto a distribuidoras de combustíveis, para o óleo combustível 1A e querosene iluminante. Os demais combustíveis não tiveram seus preços incluídos para se evitar a divulgação de dados comerciais de empresas individuais.

O último tema da seção, *Comercialização de Gás Natural*, enfoca a evolução das vendas, do consumo próprio e das demais destinações do gás natural produzido e importado pelo país.

Distribuição de Derivados de Petróleo

3.1. Bases de Distribuição

Em 2000, o Brasil contava com uma infra-estrutura de distribuição de combustíveis composta por 240 bases, das quais 95 (39,6%) situavam-se na Região Sudeste, 44 (18,3%) na Região Sul, 43 (17,9%) na Região Nordeste, 37 (15,4%) na Região Norte e 21 (8,8%) na Região Centro-Oeste. Por Unidade da Federação, destacaram-se São Paulo, com 61 bases, Paraná, com 24, Pará, com 18, Rio de Janeiro, com 15, e Minas Gerais e Rio Grande do Sul, ambos com 14.

3.2. Vendas das Distribuidoras

No ano 2000, as vendas das distribuidoras de derivados de petróleo no mercado nacional atingiram 84,7 milhões m³ (1,3 milhão bep/dia), registrando uma queda de 1,7% em relação ao volume vendido em 1999.

Gráfico 3.1.

Em termos da participação por derivado, o óleo diesel representou 41,4% das vendas totais de derivados de petróleo, enquanto a gasolina C, com 26,4%, o GLP, com 15,1%, o óleo combustível, com 11,9%, e os outros derivados (QAV, gasolina de aviação e querosene iluminante), com 5,2%, absorveram o restante deste mercado.

O mercado de óleo diesel atingiu 35,1 milhões m³ no ano 2000, com um crescimento modesto de 1,3% relativo a 1999, dando seguimento ao processo de arrefecimento das vendas iniciado em 1999. Tal processo interrompeu o crescimento do mercado de óleo diesel, que se deu no período de 1995 a 1998, com taxas entre 6% e 7% ao ano, e está relacionado ao desaquecimento da economia. Cabe ainda ressaltar a queda de 2,1% nas vendas na Região Norte e o crescimento de 4,1% nas vendas na Região Centro-Oeste. A participação das vendas de óleo diesel por grande região manteve-se razoavelmente estável no período 1991 a 2000. No ano 2000, a Região Sudeste concentrou 44,3% das vendas de óleo diesel, enquanto as Regiões Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte responderam, respectivamente, por 20,2%, 14,8%, 12,0% e 8,7% do mercado nacional.

O mercado de óleo diesel foi atendido por 169 distribuidoras, sendo que as cinco empresas líderes em vendas detiveram 76,2% do mercado: BR (25,6%), Ipiranga (19,3%), Shell (11,7%), Texaco (11,0%) e Esso (8,6%).

Gráfico 3.2.

O mercado de gasolina C alcançou em 2000 um movimento de 22,4 milhões m³, sendo 5,2% inferior ao de 1999. Esta queda nas vendas foi praticamente uniforme em todas as grandes regiões, com exceção das Regiões Norte e Centro-Oeste, que apresentaram crescimento vegetativo. Este foi o segundo ano consecutivo de queda do mercado de gasolina C, visto que, durante o ano de 1999, as vendas já haviam caído 0,5%. Tal comportamento é atípico para o mercado deste derivado, que registrou um crescimento médio de 12,1% ao ano, no período 1992 a 1998, e chegou a atingir taxas de crescimento da ordem de 20%, nos anos de 1995 e 1996, e cerca de 7% e 8%, em 1997 e 1998, respectivamente. Este efeito pode ser atribuído ao desaquecimento econômico do país, também refletido no mercado de óleo diesel, aliado ao aumento do ritmo de conversão da frota de automóveis movidos a gasolina para gás natural veicular.

Assim como no caso do óleo diesel, o mercado de distribuição de gasolina C mostrou-se bastante concentrado em 2000, com cinco distribuidoras detendo 66,1% do mercado: BR (18,7%), Ipiranga (14,5%), Esso (12,5%), Shell (11,4%) e Texaco (9,1%). O restante do mercado pulverizou-se por outras 155 distribuidoras.

Gráfico 3.3.

O mercado de distribuição de GLP, de 12,8 milhões m³ em 2000, apresentou sinal de arrefecimento no crescimento de suas vendas, traduzido por uma taxa de crescimento de 2,3%, abaixo da taxa média histórica de crescimento de 4,0% ao ano do período de 1991 a 1999 e da taxa de 4,2% durante o ano de 1999. Este crescimento foi distribuído de modo não uniforme pelas grandes regiões geográficas. Enquanto as vendas nos mercados das Regiões

Norte, Nordeste e Centro-Oeste, no ano 2000, cresceram a taxas mais elevadas, de 4,0% a 5,3%, a Região Sudeste apresentou uma taxa menor de crescimento, de 2,7%, e a Região Sul uma queda nas vendas de 2,2%. Na Região Sudeste, em particular, o Rio de Janeiro, onde o gás natural tem penetrado rapidamente nos últimos anos, apresentou uma retração de 1,3% no consumo de GLP.

As altas taxas de crescimento das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste podem ser explicadas, em parte, pela elevada taxa de urbanização ainda presente nestas regiões, aliada a limitações, ou mesmo ausência, de sistemas de distribuição de gás canalizado, o que impede a penetração do gás natural. O arrefecimento ou queda na taxa de crescimento das demais regiões evidencia uma tendência de saturação, ou mesmo de contração, no mercado de GLP, nos locais que dispõem de rede de gás canalizado.

Em 2000, 82,5% do mercado de distribuição de GLP foi dominado por um elenco de cinco empresas diferente daquele que comercializa os demais derivados: Agip do Brasil (21,3%), Grupo Ultragas (19,4%), Grupo Nacional Gás (18,3%), Supergasbras (13,5%) e Minasgás (10,0%). O restante do mercado foi atendido por outras 16 distribuidoras.

Gráfico 3.4

A distribuição de óleo combustível totalizou vendas de 10,1 milhões m³ em 2000 e foi atendida quase que integralmente por quatro empresas: BR (65,6%), Shell (22,2%), Texaco (5,8%) e Ipiranga (4,5%). Cabe destacar que, desde 1998, este mercado vem registrando uma tendência de retração. Em 2000, a queda no volume vendido foi de 5,9% em relação ao ano anterior. Tal tendência está associada tanto a questões ambientais, que levam à sua substituição por outros combustíveis mais limpos, tal como o gás natural, como a preços menores de outras fontes, como, por exemplo, o coque de petróleo.

Gráfico 3.5.

As vendas das distribuidoras de QAV, de 4,2 milhões m³ em 2000, sofreram uma retração razoável nos últimos anos, cerca de 16,0% entre 1998 e 2000 e 8,0% durante o último ano do período. Tal fenômeno está associado, em boa medida, à queda da taxa de crescimento econômico, em 1998 e 1999, e à desvalorização cambial, em 1999 e 2000, fatores estes que afetaram a demanda interna por vôos internacionais. As vendas, no ano de 2000, tiveram uma distribuição altamente concentrada, sendo efetuadas, por somente três distribuidoras: BR (47,0%), Shell (37,6%) e Esso (15,4%).

Gráfico 3.6.

A distribuição de querosene iluminante alcançou 144,0 mil m³ em 2000 e foi atendida por 11 empresas, sendo que as quatro líderes em vendas concentraram aproximadamente 95,0% do mercado: Texaco (28,8%), BR (26,8%), Shell (21,4%) e Ipiranga (17,5%).

Gráfico 3.7.

A distribuição de gasolina de aviação, de 75,9 mil m³, dividiu-se completamente entre a BR, com 62,6% do mercado, e a Shell, com os 37,4% restantes.

Gráfico 3.8.

Revenda de Derivados de Petróleo

3.3. Postos Revendedores

No final do segundo semestre de 2000, constava na Agência Nacional do Petróleo - ANP o registro de 29.111 postos cadastrados, número este 9,2% superior ao registrado no ano anterior (vide Anuário Estatístico da Indústria Brasileira do Petróleo – 1990-1999, para os dados de postos cadastrados). Deste número, 47,6% encontravam-se na Região Sudeste, 21,0% na Região Sul, 16,9% na Região Nordeste, 9,4% na Região Centro-Oeste e 5,1% na Região Norte. Verifica-se assim que 85,5% dos postos localizavam-se nas três primeiras regiões. Por Unidade da Federação, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul concentravam mais de 55% dos postos, sendo 27,1% no primeiro estado.

Do total de postos revendedores, 23,7% foram abastecidos pela BR, 18,8% pela Ipiranga, 12,1% pela Shell, 11,1% pela Texaco, 10,6% pela Esso e 8,2% eram de Bandeira Branca, podendo ser abastecidos por qualquer distribuidora. O abastecimento dos 15,5% restantes foi efetuado por 114 outras distribuidoras. A concentração de postos na Região Sudeste já assinalada torna-se ainda mais evidente no caso daqueles abastecidos pela Shell e dos postos de Bandeira Branca, com, respectivamente, 57,7% e 56,6%, dos postos localizados na região. Verifica-se ainda que 92,4% e 90,7 dos postos atendidos pela Esso e Shell, respectivamente, concentravam-se nas Regiões Sudeste, Nordeste e Sul. Aparentemente, somente a BR e a Texaco tinham interesse comercial na Região Norte, onde se localizavam, respectivamente, 7,3% e 5,2% do total nacional de postos de suas bandeiras. As demais grandes distribuidoras, Ipiranga, Shell e Esso, em conjunto, abasteceram na região pouco mais do que 1% do total nacional de postos de suas bandeiras.

Gráfico 3.9.

3.4. Transportadores-Revendedores-Retalhistas

Em 2000, encontravam-se cadastrados na ANP 619 transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs) de combustíveis. As Regiões Sudeste e Sul registraram, cada uma, cerca de 32% deste total, enquanto as Regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte possuíam 24,7%, 7,6% e 4,2%, respectivamente. Por Unidade da Federação, sobressaíram-se São Paulo, Paraná, Mato Grosso e Rio Grande do Sul com, respectivamente, 112, 86, 83 e 77 TRRs.

3.5. Preços ao Consumidor

Em 2000, a Região Metropolitana de São Paulo foi onde se verificaram os menores preços médios anuais ao consumidor da gasolina C e do óleo diesel, dentre as localidades pesquisadas, fato este que já havia se registrado em 1999. No caso da gasolina C, em especial, esta região metropolitana iniciou uma trajetória de redução de preços, relativamente às demais localidades, em 1997, quando ainda ostentava o oitavo menor preço. No mesmo período tendência inversa se deu na Região Metropolitana de Belém, que apresentou o menor preço médio anual da gasolina C em 1997, mas que registrou o segundo maior preço em 2000, sendo superada somente pela Região Metropolitana de Recife.

No caso do GLP, as regiões Metropolitanas de Belém e de Recife apresentaram consistentemente menores preços no período de 1997 a 2000. Já São Paulo mostrou uma forte elevação nos preços do GLP, no mesmo período, relativamente a outras localidades, passando do segundo menor preço para segundo maior preço. O mesmo processo ocorreu no Rio de Janeiro, embora de maneira menos acentuada do que em São Paulo.

No tocante ao preço médio anual do óleo diesel, não houve alteração nas posições relativas das localidades pesquisadas nos anos de 1999 e 2000. Em ambos os anos, os preços apresentaram-se em ordem crescente respectivamente nas regiões metropolitanas de São Paulo e de Belo Horizonte e no Município de Goiânia.

Gráfico 3.10.

No ano de 2000, o Município de Manaus apresentou o menor preço médio anual de óleo combustível 1A e o Município de Belém o maior. Em relação ao querosene iluminante, o Município de Manaus é onde, desde 1997, vem registrando-se os menores preços médios anuais, e o Município de Fortaleza que apresentou o preço mais elevado em 2000.

Gráfico 3.11.

Comercialização de Gás Natural

3.6. Consumo Próprio e Vendas de Gás Natural

No ano 2000, a oferta interna bruta de gás natural foi de 10,4 bilhões m³, registrando um aumento de 24,0% em relação a 1999, mantendo a tendência ocorrida em 1999, quando a oferta interna bruta cresceu 22,1%. Da oferta interna bruta no ano 2000, 63,0% destinaram-se a vendas internas e 27,9% ao consumo próprio nas operações de produção e nas instalações de refino, movimentação e UPGNs e o restante foi absorvido na produção de LGN.

Gráfico 3.12.

As vendas do gás natural atingiram 6,6 bilhões m³ em 2000. Confirmando as expectativas de expansão deste mercado, as taxas de crescimento das vendas elevaram-se nos anos recentes: 11,7% em 1999 e 22,9% em 2000. As vendas de gás natural aumentaram nas três regiões do país supridas por este combustível, com destaque para as Regiões Sudeste e Nordeste, com 57,6% e 38,4% das vendas, respectivamente. A Região Sudeste foi a que apresentou maior aumento de vendas no ano 2000, de 20,6% relativamente a 1999.

São Paulo e Rio de Janeiro foram os estados que exibiram os maiores volumes de vendas no ano, ambos com cerca de 40% das vendas da Região Sudeste e 25% das vendas nacionais. Foram seguidos pelo Estado da Bahia, com 57,5% das vendas da Região Nordeste e 22,1% das vendas nacionais. O Estado de Alagoas foi o único a registrar retração nas vendas, de 14,8%.

Gráfico 3.13.

O consumo próprio total de gás natural foi de 2,9 bilhões m³ em 2000, registrando um aumento de 37,9% em relação a 1999. Do consumo próprio, 1,7 bilhão m³ (59,6%) destinou-se às operações de produção, que apresentaram um acréscimo de consumo de 14,8%. Nas refinarias, sistemas de movimentação de gás natural e UPGNs foi consumido 1,2 bilhão m³ (40,4% do consumo próprio total) no ano 2000, registrando um aumento de 96,1% relativamente ao ano anterior. Explica-se este fato pelo crescimento do consumo de gás natural proveniente da Bolívia nas refinarias em substituição ao óleo combustível.